

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

APARECIDA CARADORE SALVADOR

AS ALTERNATIVAS ADOTADAS NAS PEQUENAS PROPRIEDADES RURAIS

MATINHOS  
2011

APARECIDA CARADORE SALVADOR

## AS ALTERNATIVAS ADOTADAS NAS PEQUENAS PROPRIEDADES RURAIS

Trabalho apresentado ao Curso de Especialização em Educação do Campo, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de especialista.

Orientador: Gabriela Schenato Bica

MATINHOS  
2011

## AS ALTERNATIVAS ADOTADAS NAS PEQUENAS PROPRIEDADES RURAIS

Aparecida Caradore Salvador<sup>1</sup>;

Gabriela Schenato Bica<sup>2</sup>.

### RESUMO

Neste artigo buscou-se fazer uma análise prévia sobre o tema: As alternativas adotadas nas pequenas propriedades rurais e seus familiares dentro das novas perspectivas e valorização. A globalização econômica trás conseqüências, o campo está cada vez mais marcado pelo desenvolvimento da industrialização, e em outro aspecto o capitalismo é desigual e contraditório ao mesmo tempo em que há o aumento do latifúndio capitalista ocorre também o aumento das unidades de produção das pequenas propriedades rurais que adotam outros meios de produção. A idéia básica que sustenta o trabalho é que existe uma relação entre o tipo de sistema de produção adotado no meio rural e a absorção da mão-de-obra familiar, sobre o trabalho em tempo integral no próprio estabelecimento e sobre o trabalho fora do mesmo. Desenvolveu-se também um questionário com os alunos onde alguns são filhos de moradores das pequenas propriedades rurais e outros pré-adolescentes que estudam junto com esses filhos de pequenos agricultores, verificando o que os mesmos conheciam sobre a produtividade das pequenas propriedades, a mão de obra empregada e os tipos de produtos cultivados nestas pequenas propriedades.

**Palavras-chave:** Pequenos agricultores, Mão-de-obra familiar, Produção, Alunos.

### 1 CONTEXTO

Quando se coloca o problema da educação do campo, grande parte de nossos governantes, Secretarias de Educação e intelectuais que se dizem pensantes da educação, partem do princípio que os grandes desafios estão na falta

---

<sup>1</sup> Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Especialização em Educação do Campo, e-mail: [cidacaradore@hotmail.com](mailto:cidacaradore@hotmail.com).

<sup>2</sup> Educador Orientador, UFPR Litoral.

de estrutura, de professores preparados, de transporte escolar adequado, de material didático-pedagógico.

Segundo as DIRETRIZES CURRICULARES (2006, p.1):

Com uma política educacional fortemente marcada pela concepção neoliberal, que passou a propor para as escolas uma ação pedagógica voltada para o desenvolvimento das habilidades e competências. As unidades escolares, usando a sua recém-adquirida autonomia, sofreram ainda na década de 90 e na sequência desta, um bombardeio de concepções e propostas diferenciadas, sem muitas vezes, estarem preparadas para o desafio de definições curriculares na formação do aluno.

O grande desafio, na verdade, é a mudança do modelo de educação presente no campo. A escola que temos no campo não prepara as crianças nem para o mundo urbano e nem para o mundo do campo (com suas diferentes expressões culturais, de organizar a vida, de convivência). Mas sim para serem subservientes à lógica do capitalismo. Ou para serem explorados, espoliados e nada mais.

Fazer a Reforma Agrária e organizar outro modo de vida no campo, com políticas públicas voltadas para os desafios postos pelas diferentes realidades culturais presentes nos diferentes sujeitos camponeses, são significados sociais e culturais que fogem a lógica do mercado neoliberal. Esse caminho não é moderno, nem produz patrão e empregado, não trabalha com máquinas pesadas, não compra muitas sementes, nem insumos, não favorece a concentração da terra, não cria graves impactos ambientais, não cria autonomia nas pessoas e nem ajuda desenvolver pesquisas nas pequenas propriedades, enfim, gera apenas grandes negócios para grandes empresários da terra.

O capitalismo sabe que transformar o campo em outro espaço de convivências humanas, de produção, de intercâmbio, de gestão de outros sentimentos ambientais e reinvenção de outros valores, exige acabar com a expropriação e exploração da natureza. Tudo é movido por meio do dinheiro, de mentiras, de mitos, de números que formam verdadeiras constelações de relações abstratas, longe dos impactos sociais, culturais e ambientais que ficaram para trás. DIRETRIZES CURRICULARES (2006, p.1):

Hoje o desafio colocado para as famílias dos agricultores, no que tange à educação dos filhos, ainda é maior. De um lado, porque as novas tecnologias que se reflete sobre o trabalho e a educação estão longe de chegar à escola rural; de outro, porque o desemprego estrutural e tecnológico coloca os filhos e filhas dos agricultores, formados pela escola rural, em condições inferiores de concorrer no mercado urbano pelos escassos empregos existentes. Os agricultores, no entanto, reconhecem a importância da escola para a formação de seus filhos.

Estudos e reflexões acerca da trajetória da escola rural no Brasil mostram que esta escola, incluída no processo de "modernização do campo", teve um papel fundamental no processo de expropriação/proletarização dos agricultores familiares.

Neste pensamento a escola, portanto, ao trabalhar nessa perspectiva tem o objetivo de oportunizar o domínio dos procedimentos de construção de sentidos enfatizando a possibilidade de transformação de mundo envolvendo a educação no campo.

Segundo Thompson (1998, p. 15):

Para que a sociedade seja feliz, e o povo tranqüilo nas circunstâncias mais adversas, é necessário que grande parte destes sejam pobres e ignorantes. o conhecimento não só amplia como também multiplica nossos desejos. [...], portanto, o bem estar e a felicidade de todo Estado ou Reino requerem que o conhecimentos dos trabalhadores pobres fiquem confinados dentro dos limites de suas ocupações e jamais se estenda (em relação as coisas visíveis) além daquilo que se relaciona com sua missão. Quanto mais um pastor, um arador ou qualquer outro camponês souber sobre o mundo e sobre o que é alheio ao seu trabalho e emprego, menos capaz será de suportar as fadigas e as dificuldades de sua vida com alegria e contentamento.

O modelo brasileiro de educação rural apresenta uma série de elementos os quais aparecem na legislação, nas instituições pedagógicas, no currículo e mesmo nas "recomendações" dos organismos internacionais, que possibilitam traçar um esboço da educação rural brasileira a partir dos anos 30.

As políticas públicas para a escolarização das populações rurais mostram seu fraco desempenho ou o desinteresse do Estado com respeito à educação rural,

quando analisamos o analfabetismo no Brasil que, ainda em 1991, continuava a ser mais elevado na área rural do que na área urbana (FERRARI, 1991, p. 66)

A imposição de conhecimentos produzidos em outras realidades e orientados pela lógica do lucro e da eficiência objetiva fazer com que os agricultores percam a autonomia do conhecimento e da produção de sementes, matrizes, adubos e da aplicação de suas próprias tecnologias e ritmos de trabalho.

Thompson (1998, p. 20) diz que:

A identidade social de muitos trabalhadores mostra também uma certa ambigüidade. É possível perceber no mesmo indivíduo identidades que se alteram, uma diferente a outra rebelde. Adotando outros termos, este foi um problema (...) observou o contraste entre a moralidade popular da tradição do folclore e a moralidade oficial. Seu homem "massa" podia ter duas consistências teóricas ou uma consciência contraditória: a da *práxis* e a herdada do passado e absorvida acriticamente ao discutir a ideologia nos seus cadernos da prisão, fundamentada na filosofia espontânea comum a todas as pessoas.

De outro lado, a escola fornece importantes instrumentos de leitura, compreensão e resolução de problemas do mundo social e cultural. Os agricultores têm muita clareza da necessidade de contar com profissionais habilitados e qualificados, em nível médio e superior, que, juntamente com eles, e, preferencialmente tendo suas origens sociais ligadas à agricultura familiar, pensem, planejem e executem a produção, a moradia, a educação, a saúde, a segurança e a organização voltada para os seus interesses. Os agricultores familiares não renegam a técnica e o conhecimento científico, mas querem-nos adequados aos seus propósitos, principalmente a uma produção agro-ecológica autônoma. O conhecimento científico e a tecnologia têm servido para criar a dependência do agricultor que, não conseguindo acompanhar os constantes pacotes tecnológicos, acaba por perder sua terra.

Thompson (1998, p. 20) continua dizendo:

Uma filosofia deriva de três fontes: a primeira é a própria linguagem, que é um conjunto de determinadas noções e conceitos e não apenas de palavras

desprovidas gramaticalmente de conteúdos; a segunda é o senso comum; e os terceiros o folclore e a religião pular. das três, hoje a maioria dos intelectuais do ocidente não existiriam em conceber demasia teórica a primeira (a linguagem), não só por ser o veículo mas a influência constitutiva sobre a consciência. Com efeito, embora a linguagem real, por exemplo, o dialeto tenha sido pouco estudado entrou na moda presumir a *plebe* era um certo sentido determinada pela sua herança lingüística, considerada por sua vez, uma verdadeira bricolagem de idéias dispare, derivadas de muitas fontes, mas, mantidas no seu lugar pelas categorias práticas, os plebeus chegam a ser vistos como prisioneiros da linguagem, compelidos até mesmo em seus momentos de rebeldia, a mover-se dentro dos parâmetros do constitucionalismo, da velha Inglaterra, da diferença de vida aos líderes do *patriciado* e do *patriarcado*.

Uma sociedade solidária e democrática que oportunize a criação de uma escola básica do campo é uma utopia; sonhar e escrever o que se sonha é fácil. Difícil, doloroso e complicado é transformar o sonho, ou seja, a escola rural tradicional em escola básica do campo, porque isso implica alterar, ou melhor, mudar as estruturas sociais baseadas no individualismo possessivo e na expropriação da terra e do produto do trabalho.

Thompson (1998, p. 21),

Os problemas são diferentes e possivelmente mais agudos, porque o processo do capitalismo e a computada não econômica baseada nos costumes estão em conflito. Um conflito consciente e ativo, como que numa resistência aos novos padrões de consumo.

Neste traçado aproximam-se escola e trabalho, instrução e formação, conhecimento científico e saber popular, em uma perspectiva de convivência multicultural em que a escola possa significar também um espaço de lutas pela terra, por uma agricultura ecológica autônoma, pela conquista de direitos sociais e, acima de tudo isso, por uma vida com alegria.

Portanto, valorizar a cultura dos povos do campo significa criar vínculos com a comunidade, gerando um sentimento de pertence ao lugar e ao grupo social. Isso possibilita a criação de uma identidade sociocultural que leva o aluno a compreender o mundo e transformá-lo.

O dever de impedir o dano causado ao meio ambiente e de proteger os direitos das pessoas vem junto com o direito de possuir, administrar e usar os recursos naturais. Para isso, são necessárias mudanças fundamentais de nossos valores e do modo de vida.

Na área do agronegócio, conforme salientam Batalha *et. al.* (2004, p. 2), o “tripé fundamental para a competitividade sustentada”; é formado pela pesquisa dos processos de produção, pesquisa para o desenvolvimento de novos produtos e pela pesquisa no campo da tecnologia de gestão. Porém, em relação ao desenvolvimento de tecnologias de gestão, Batalha *et. al.* (2004, p. 9) salientam que “inúmeros estudos têm apontado deficiências gerenciais nos negócios da agricultura familiar e reduzindo ganhos que poderiam advir da superação dessas deficiências”.

Segundo Oliveira (2003, p. 153), “as pequenas propriedades são as que mais geram emprego. No campo brasileiro, existem 17,9 milhões de trabalhadores empregados ou pessoal ocupado, sendo que as pequenas unidades empregam 87,3%, as médias 10,2% e os latifúndios apenas 2,5%”. O assalariado total: entram aí permanentes e temporários, somam um total de 994.508 mil assalariados. A pequena propriedade representa 40,3%, a média 45,5% e a grande 14,2%, de acordo com os dados do IBGE referentes ao senso agropecuário 2010.

Analisando os dados acima relacionados podemos verificar o peso que a pequena propriedade representa com relação ao agronegócio e a balança comercial brasileira. E ainda, no pensamento feito por Batalha *et. al.* (2004), onde ele diz que todas as tecnologias e conhecimentos são relevantes para garantir que pequenas propriedades devem ter as condições de competir nos mercados em que atuam, devem-se também visualizar a necessidade de se investigar acerca da eficácia do emprego de tecnologias nas pequenas unidades rurais.



## 2 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência ocorreu na Comunidade de Linha Brasil, no município de São Miguel do Iguaçu. Ela é uma comunidade agrícola localizada a 4Km, Leste da sede do município de São Miguel do Iguaçu – Paraná.

Localiza-se em um dos pontos mais elevados do município, com altitudes que variam de 310 a 420 metros, e um divisor de águas da bacia do Rio Cotia e do Rio Leão afluente do Rio Pinto.

Região de planaltos, de pequenas propriedades predominando a agricultura familiar, com uma agricultura diversificada onde se destaca o plantio de soja, milho, trigo, fumo e hortaliças, aves, leite, etc. Correspondente a 5,6% da área total de São Miguel do Iguaçu.

São Miguel do Iguaçu, município localizado na região do Extremo Oeste do Paraná, fazendo parte do Terceiro Planalto paranaense, denominado de Planalto de Guarapuava, de acordo com o IBGE (2010) pertence a 21ª micro-região do Estado. Apresentando altitude média de 307 metros em relação ao nível do mar, entre as coordenadas geográficas de Latitude de 25º 20' 55" Sul e Longitude de 54º 20' 40" Oeste.

Está localizado há quarenta quilômetros da fronteira com o país vizinho, a República do Paraguai e conta atualmente com uma população de aproximadamente 24.430 habitantes, sendo que 14.026 mil habitantes estão na zona urbana e 10.112 mil habitantes estão na zona rural. É considerado um município limero ao Lago de Itaipu e ao Parque do Iguaçu.

A pesquisa foi aplicada a 10 pequenos proprietários de terra e seus familiares, da Comunidade de Linha Brasil – Localizada no Município de São Miguel do Iguaçu – Paraná. A comunidade é pequena, então, todos os produtores foram entrevistados. No momento da pesquisa também se questionou aos filhos dos agricultores se gostam do que fazem ou não, e se pretendem continuar o trabalho

dos pais, já que nestas pequenas propriedades a mão de obra utilizada é toda familiar.

TABELA 1 – NÚMERO DE FILHOS EM CADA FAMÍLIA ENTREVISTADA

Família	Números de Filhos	Gostam do que fazem		Continuarão o trabalho dos pais	
		Sim	Não	Sim	Não
Fam. 1, 3 e 4	2	X		X	
Fam. 2, 5 e 6	3	X		X	
Fam. 7	1		X		X
Fam. 8	1	X		X	
Fam. 9 e 10	4	X		X	

**Fonte:** Pesquisa de Campo  
**Organização:** A autora

Então se fazendo uma análise das respostas, percebe-se que a mudança de estrutura familiar traz consequências, para a agricultura familiar, pois esta depende justamente da familiar para funcionar. Verifica-se também que as famílias do campo estão desaparecendo, pois o número de filhos é cada vez menor. Porém estes pequenos agricultores estão com uma nova visão de mundo, os filhos são poucos, mas eles estão enviando estes para estudarem na cidade e estão fazendo com que eles busquem formação na área da agricultura e fiquem mesmo formados trabalhando na propriedade e ajudando os pais num trabalho que também será deles.

Verificamos na Tabela 1 que as famílias 1, 3 e 4 possuem somente 2 filhos. Já as famílias 2, 5 e 6 possuem 3 filhos cada uma. As famílias 7 e 8 possuem somente um filho cada um, e as famílias 9 e 10 possuem 4 filhos cada. De todos os entrevistados somente um jovem com 17 anos de idade disse que não vai seguir a profissão dos pais, que é muito bom trabalharem na terra, e que “meus pais sonham mais alto para mim, estou fazendo agronomia, e quero poder ajudar e dar mais para meus pais”.

As outras crianças e jovens disseram gostar do trabalho dos pais e do que eles fazem. Disseram também que vão dar continuidade aos afazeres dos pais, ou seja, o que eles já fazem hoje, pois disseram ajudar seus pais na lida diária da propriedade. Quem estuda de manhã ajuda a tarde e quem estuda à tarde, ajuda no período de manhã.

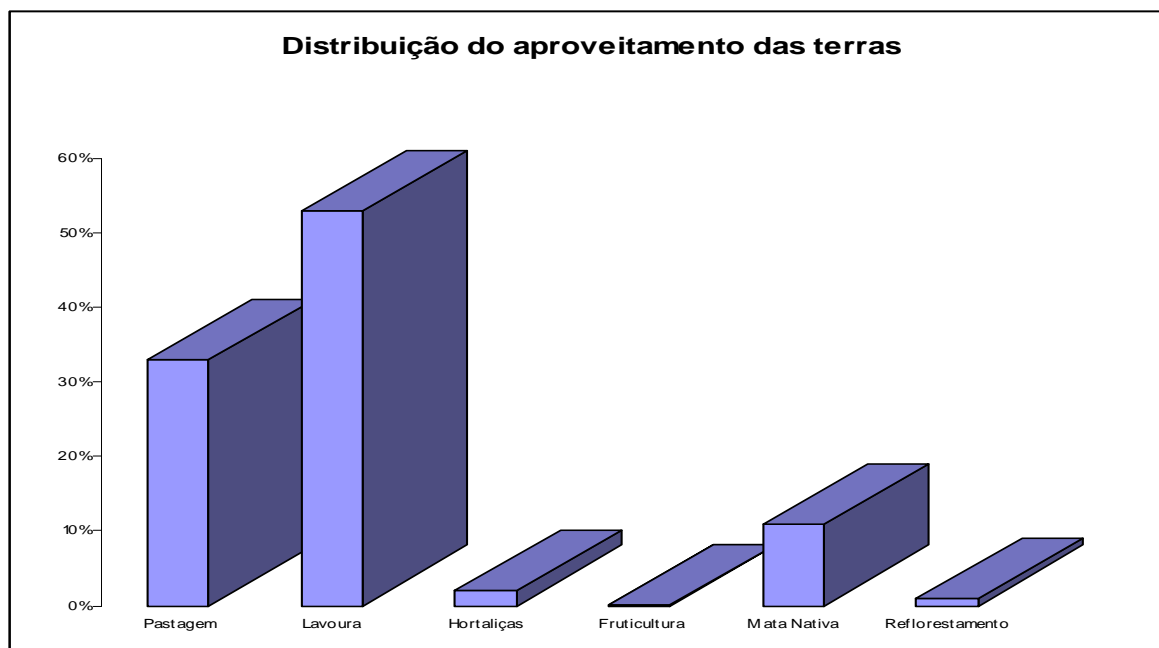
TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO DO APROVEITAMENTO DAS TERRAS

DESCRIÇÃO	ÁREA CULTIVADA EM ha	%
Pastagem	101,3	33%
Lavoura	164,3	53%
Hortaliças	6,0	2%
Fruticultura	1,0	01%
Mata Nativa	35,1	11%
Reflorestamento	2,0	1%
<b>Área total</b>	<b>310,1</b>	<b>100%</b>

Fonte: Pesquisa de Campo  
Organização: A autora

O Gráfico 1 – apresenta a situação atual de área cultivada por hectares, de acordo com os agricultores entrevistados.

GRÁFICO 1 – DISTRIBUIÇÃO DO APROVEITAMENTO DAS TERRAS



**Fonte:** Pesquisa de campo

**Organização:** A autora.

Fazendo-se uma análise do gráfico 1 – observa-se que dos 310,1 hectare, 53% são destinados a lavouras de soja, milho, trigo, fumo, mandioca, hortaliças... 33% são destinadas às pastagens, 11% são destinadas às matas nativas, 2% ao plantio de hortaliças, 1% destinados ao reflorestamento e a área destinada a fruticultura é inferior a 1%.

TABELA 3 – DISTRIBUIÇÃO DAS PROPRIEDADES

ÁREA	PROPRIEDADES	ÁREA TOTAL
Até 18 hectares	3	41.7
18 a 30 hectares	3	63.9
30 a 52 hectares	4	184.5

\* O proprietário Vitorino Perin possui 12 hectares de terra, porém é arrendatário de 20 hectares.

**Fonte:** Pesquisa de campo

**Organização:** A autora.

O sistema de integração que hoje predomina na agricultura brasileira é visto como uma das formas de salvação da agricultura moderna, principalmente para as pequenas propriedades.

É a chamada diversificação da propriedade, um melhor aproveitamento da mão-de-obra familiar e conseqüentemente mais fontes de renda para a propriedade, onde o agricultor passa a trabalhar com várias atividades dentro de sua propriedade, sendo uma das principais alternativas vista pelas cooperativas e empresas ligadas ao setor agropecuário e também florestal.

Conversando com alguns agricultores que participam deste sistema, há certo descontentamento, pois os lucros obtidos nem sempre são compatíveis com o valor investido para se entrar na atividade.

Numa visão mais ampla a integração avícola seria uma ótima alternativa para as pequenas propriedades, porém isso nem sempre é possível devido à falta de recursos da grande maioria das pequenas propriedades, pelo fato de se tratar de um investimento alto um grande numero de propriedades é excluído do processo por não ter garantia e nem recurso próprio.

Após a análise do senso agropecuário de 2009/10 realizado pelo IBGE, podemos constatar que a pequena propriedade move a agropecuária brasileira, ela que fixa o homem no campo, que gera renda, que movimenta o interior do Brasil.

Quando a mídia brasileira informa que a agricultura manteve a balança comercial equilibrada, eles não fazem idéia de que foi a pequena propriedade a grande responsável pelo sucesso comercial, pois se eles soubessem com certeza a reforma agrária já teria saído do papel.

Porém se existisse uma compreensão maior por parte da sociedade, do Estado e da mídia em geral, com relação à reforma agrária com certeza já estariam sendo resolvido ou amenizado pelo menos um dos maiores problemas sociais existentes no Brasil, que é a exclusão social.

Os dados mostrados pelo IBGE (2010) referentes ao senso agropecuário mostram claramente a grande força que a pequena propriedade tem na balança

comercial brasileira. Por que então não fazer a reforma agrária no Brasil, a consequência disso seria o fortalecimento do comércio no interior do país, o capital seria distribuído de forma mais justa os problemas sociais enfrentados pelas pequenas cidades e também pelas grandes cidades com certeza seriam diminuído consideravelmente.

No Brasil não se facilita o acesso a terra, pois isso afeta relações de poder econômico, é o que produz a concentração de riquezas e também de terras no Brasil. Ao se facilitar o acesso a terra, estará indo contra ao modelo de desenvolvimento agrícola brasileiro, que é a monocultura, grandes propriedades, comércio exportador ou comodites. Esse sistema fica vulnerável as especulações, com a queda do preço no mercado internacional, ou no câmbio a crise se instala e começam os protestos por parte dos grandes produtores.

Por isso se faz necessária à reforma agrária, uma ferramenta muito importante para o desenvolvimento sustentável e desconcentração de renda e riqueza, com isso diminui-se o êxodo rural e acaba ocorrendo um desenvolvimento local. Esse desenvolvimento acaba gerando mais emprego, nessas propriedades familiares fortalecem a economia da região gerando emprego também nas cidades, pulverizando o capital.

Ignacy Sachs (2001) no seu texto *“Brasil rural: da redescoberta à invenção”*, traz uma reflexão importante quando referencia o papel da agricultura familiar quando se pensa nesse ‘mundo rural’

(...) os agricultores familiares afiguram-se como protagonistas importantes da transição à economia sustentável, já que, ao mesmo tempo em que são produtores de alimentos e outros produtos agrícolas, eles desempenham a função de guardiães da paisagem e conservadores da biodiversidade. A agricultura familiar constitui assim a melhor forma de ocupação do território, respondendo a critérios sociais (geração de auto-emprego e renda a um custo inferior ao da geração de empregos urbanos) e ambientais. Além de que, nas condições brasileiras, nas quais, como já mencionamos, um décimo da população passa ainda fome, a meta da segurança alimentar continua bem atual (SACHS, p. 78, 2001).

Ressalta-se que a agricultura familiar no Brasil caracteriza-se por sua diversidade, seja em produção – aqui se referencia, sobretudo, o acesso aos meios de produção, seja pelas condições gerais de ingresso aos sistemas que contemplam bens e serviços, bem como a própria diversidade social a qual esse segmento representa. Nesse sentido, não se pretende aqui simplificar ou reduzir a compreensão teórica a respeito desse segmento social.

### **3 CONSIDERAÇÕES**

Constatou-se com a pesquisa de campo realizada na comunidade da Linha Brasil, São Miguel do Iguaçu – PR, que as dez famílias totalizam 57 (cinquenta e sete) pessoas, onde se demonstra a importância da pequena propriedade, apesar destas propriedades apresentarem várias áreas acima de 45° de declividade, as quais não são aproveitadas para a agricultura. Uma das características da comunidade é a diversificação da produtividade, que se alterna em onze diferentes produtos: soja, milho, leite, trigo, fumo, aves, suínos, couve-flor, repolho, cebola e beterraba, destinados para comércio e consumo próprio, gerando um movimento de 604.810,00 (seiscentos e quatro mil e oitocentos e dez reais) em uma área de 310 (trezentos e dez) hectares de terra.

Na questão da mão de obra familiar verificou-se que os filhos gostam e querem dar continuidade no trabalho realizado pelos pais, demonstrando assim o interesse pela propriedade; com consciência que na pequena propriedade e com variedades na produtividade consegue-se a manutenção da família na zona rural, pois, são estes pequenos produtores que movimentam o comércio local, e o capital por eles produzido através de suas atividades na agropecuária é gasto na grande maioria dentro do próprio município.

Sendo assim, nas pequenas propriedades, os números não deixam dúvidas em relação à ocupação da mão-de-obra familiar, como também a geração de renda, sobre o valor da produção gerada pela pequena propriedade. Portanto a pequena propriedade merece reconhecimento e fomento para suas ações e desenvolvimento, por meio de políticas públicas específicas e fortalecimento da identidade do campo.

Nesse sentido, o grande desafio é fazer com que os filhos dos pequenos agricultores (que são o futuro da pequena propriedade) possam estudar e se manter no campo. Justamente aqui se insere a importância da Educação do Campo. A Educação do Campo e no campo ocorre tanto em espaços escolares como fora deles. Envolve saberes, métodos, tempos e espaços físicos diferenciados. Portanto, não são apenas os saberes construídos na sala de aula, mas também aqueles construídos na produção, na família, na convivência social, na cultura, no lazer e nos movimentos sociais.

## REFERÊNCIAS

BATALHA, Mario Otávio et. al. **Tecnologia de Gestão e Agricultura Familiar**. In: XLII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2004, Cuiabá – MT.

BRUN, Algemiro Jacob. **Modernização da agricultura trigo e soja**. Ed. Vozes Ltda. Petrópolis, Rio Janeiro: 1987.

FERRARI, Alceu. **O problema do analfabetismo no Brasil**: dez itens. *Revista da Associação Nacional de Educação*. São Paulo: ANDE/Cortez, n. 17, 1991.

GRAZIANO, Jose da Silva. **O novo rural brasileiro**. Campinas, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Instituto de economia. 1999.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010.



OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. Barbárie e Modernidade: **as transformações no campo e o agronegócio no Brasil**. Terra Livre. São Paulo: ano 19, v.2 , n. 21, jan/dez. 2003.

SACHS, I. **Brasil rural: da redescoberta à invenção**. ESTUDOS AVANÇADOS. 15 (43), 2001.

TEDESCO, João Carlos. **Agricultura familiar realidade e perspectivas**. 3. ed. Passo Fundo – Rio Grande do Sul: UFP, 2001.

THOMPSON, Edward P. **Introdução: Costume e Cultura**. In: Costumes em Comum. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

# AS ALTERNATIVAS ADOTADAS NAS PEQUENAS PROPRIEDADES RURAIS

Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Especialização em Educação do Campo: Aparecida Caradore Salvador.

Educador Orientador: **Gabriela Schenato Bica**, UFPR Litoral.